

EU TÔ VOLTANDO PRÁ CASA: NARRATIVAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES INICIANTES

Andre Afonso Vilela

Resumo:

Esse artigo apresenta a metodologia das narrativas produzidas por professores egressos do curso de Pedagogia, no início da docência, nas redes pública e privada de ensino da cidade de Campo Grande/MS, atuantes na Educação Básica - Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental -, por meio de um projeto interinstitucional entre Universidades. Tem por objetivo a articulação da teoria e da prática na formação inicial e no exercício inicial da profissão docente. As narrativas foram produzidas por meio de pautas durante as reuniões do Grupo de Pesquisa e os resultados apontam para a autorreflexão acerca da formação docente, mais especificamente dos professores no início da docência, reconhecendo as narrativas como elemento fundante no desenvolvimento de processos de formação de professores.

Palavras-chave: Narrativas Pedagógicas. Professores Inicantes. A escrita de si.

Introdução:

O projeto de pesquisa “Eu tô voltando para casa: narrativas sobre a formação e desenvolvimento profissional de alunos egressos do curso de Pedagogia, iniciantes na docência”, compõe uma das ações do Grupo de Pesquisa em Narrativas Formativas (GEPENAF) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Trata-se de um projeto interinstitucional entre as Universidades: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e a Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Tem por objetivo construir diálogos que articulem teoria e prática na formação inicial e no exercício inicial da profissão docente, por meio do acompanhamento pedagógico e pretende investigar a docência na educação básica, ou seja, o professor que atua na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em dois vieses: a formação inicial, tendo como sujeitos os acadêmicos, aqui denominados residentes, e professores iniciantes egressos dos cursos de Pedagogia das Instituições de Ensino Superior já citadas.

No desenvolvimento do projeto, participam dos encontros mensais os professores pesquisadores das IES, residentes (acadêmicos), professores iniciantes e os mestrandos (acadêmico e profissional). Cada encontro conta com pauta temática sendo que ao término das discussões todos os participantes realizam suas narrativas conforme proposta do encontro. As narrativas evocadas nesse artigo são aquelas produzidas pelos

professores iniciantes, na reunião em que a temática discutida foi referente ao modo como entraram na profissão docente. Novos artigos serão tecidos a partir dos momentos e pautas desenvolvidas complementando as experiências/vivências de cada grupo de aprendentes (acadêmicos residentes - mestrandos – professores pesquisadores) tendo à docência como chave de interpretação hermenêutica, ou seja, da reflexão que a docência nos possibilita.

I – Narrativas Pedagógicas: *de nobis ipsis loquemur*

Compartilhamos a expressão ‘narrativas pedagógicas’ por acreditarmos que “[...] os textos predominantemente narrativos, escritos pelos próprios educadores, que compartilham lições aprendidas a partir da experiência, da reflexão sobre a experiência, [...] da discussão coletiva, da leitura, do estudo, da pesquisa” (SOLIGO, 2007, p. 20) formam o alicerce da aprendizagem contínua e eterna presente na formação docente.

De nobis ipsis loquemur – é a expressão que inflama a liberdade de cada professor a narrar/contar/ falar de si mesmo, de suas experiências/vivências de forma que a “escola e escrita formam uma mediação cultural ativa” (NÓVOA, 1991, p. 114), ou seja, a escola como espaço de exercício e da prática pedagógica e a narrativa como sistematização hermenêutica e ontológica da escrita favorecem a autorreflexão e o autoconhecimento desse profissional que inicia sua docência, uma vez que “contar las propias vivencias y ‘leer’ (en el sentido de “interpretar”) dichos hechos y acciones, a la luz de las historias que los actores narran, se convierte en una perspectiva peculiar de investigación” (BOLÍVAR, 2002, p. 3).

Falar de si mesmo e tornar essa fala um instrumento escrito é para nós uma experiência que confirma que a “narrativa não é a etapa final – o livro de história” (ROUSSO, 1996, p. 4) a que se chega depois de acumulada as informações obtidas, mas o enfoque que “prioriza un yo dialógico, su naturaleza relacional y comunitaria, donde la subjetividad es una construcción social, intersubjetivamente conformada por el discurso comunicativo” (BOLÍVAR, 2002, p. 4). Assim, as narrativas produzidas pelos professores iniciantes defendem que a

[...] otimização do potencial formativo das situações de trabalho passa, em termos de formação, pela criação de dispositivos e dinâmicas formativas que propiciem, no ambiente de trabalho, as condições necessárias para que os profissionais transformem as experiências em aprendizagens, a partir de um processo autoformativo (CANÁRIO, 2000, p. 44).

Portanto, o de nobis ipsis loquemur não permite o silenciamento do professor iniciante frente a realidade da docência. “De nós mesmos falamos” – rompe com a imagem do professor “fonte e fornecedor de conhecimentos”, propostas por Goble e Porter (1977) e, inaugura a “busca de uma nova relação com a profissão, de uma nova maneira de olhar seu trabalho profissional e sua ação educadora” (NÓVOA, 1991, p. 133). O interesse pela narrativa do professor iniciante expressa

“[...] el deseo de volver a las experiencias significativas que encontramos en la vida diaria, no como un rechazo de la ciencia, sino más bien como método que puede tratar las preocupaciones que normalmente quedan excluidas de la ciencia normal” (BOLÍVAR, 2002, p. 6-7).

A narrativa permite “um conhecimento sobre si, sobre os outros e o cotidiano” (SOUZA, 2008, p. 90), ressaltando que

“La narración es la verdadera materia de la enseñanza, el paisaje en que vivimos como profesores o investigadores, y dentro de la que se puede apreciar el sentido del trabajo de los profesores. Esto no es sólo una pretensión acerca del lado emocional o estético de la noción de relato, según una comprensión intuitiva de la enseñanza; es por el contrario una propuesta epistemológica, que el conocimiento de los profesores se expresa en sus propios términos por narraciones y puede ser mejor comprendido de este modo (ELBAZ apud BOLÍVAR, 2002, p. 7-8).

Dessa forma, pode-se concluir que pela

“[...] narrativa, o sujeito constrói uma cadeia de significantes que estrutura formas (visíveis e invisíveis) de representar o mundo e compartilhar a realidade social, ao mesmo tempo em que engendra sonhos, desejos e utopias” (PEREZ apud NOGUEIRA e PRADO, 2014, p. 75).

O desejo exposto, a construção do conhecimento e a cadeia de significantes permitem compreender como “cómo los humanos dan sentido a lo que hacen” (BOLÍVAR, 2002, p. 10), uma vez que as “narrativas sobre as experiências tanto acionam a compreensão de um tempo vivido, [...] como também articulam a construção de novos saberes” (NOGUEIRA e PRADO, 2014, p. 81).

‘Lo que hacen’, ‘compreensão de um tempo vivido’ e a ‘construção de novos saberes, constituem no processo formativo do professor iniciante o “resultado da interação entre suas histórias de vida” (DAY, 201, p. 17), ou seja, das narrativas produzidas ao longo de sua formação, o que nos leva a crer que o

“[...] desenvolvimento profissional dos professores tem de ser construído com base na “vocação apaixonada” do professor, estimulando e mantendo a sua motivação e entusiasmo, não são para

ser um profissional, mas para agir como profissional ao longo de toda a carreira (FRIED apud DAY, 2001, p. 43).

A narrativa de si permite a autorreflexão, o retorno e a investigação na transição entre a formação acadêmica e a iniciação docente em sala de aula. Cada história narrada constitui-se de vida e cada vida é celebrada, mesmo “por colocar a descoberto a incompletude humana” (SILVA, 2014, p. 29). Nessa incompletude, o professor vai se fazendo professor, pois, cada dia lhe é uma possibilidade de dizer algo, algo de si mesmo, sua história de vida e suas vivências.

II - De nobis ipsis loquemur: reconhecer-se professor

Reconhecer-se professor não é a tarefa mais fácil para o professor iniciante. De um lado, deixar pela conclusão do curso a Academia, cria em si um sentido de vazio, ainda mais pela compreensão do senso comum de que a pessoa formada está pronta/acabada e é encarada como possuidora dos conhecimentos, com habilidades e competências próprias para o exercício do seu trabalho e/ou de sua profissão docente. De outro, adentrar a escola causa-lhe um estranhamento, por não ser mais acadêmico e ao mesmo tempo, o novo status requer a tônica do saber fazer, sendo que esse fazer em sua praxeologia (ação/prática) não dá lugar ao erro ou a pesquisa aplicada a aprendizagem do cotidiano escolar. Aprende-se ser professor, sendo-o.

O relato de uma professora iniciante demarca essa proposição: - “Ao entrar na sala de aula os alunos me olhavam. Eu estranhava. Eles me reconheciam como professora. Eu estava alheia a tudo isso, pois não me via como professora” (PI 1) – ‘Eles me reconheciam’, essa proposição afirma o olhar que os alunos têm sobre a ‘pessoa professor’ e os papéis que esse desenvolve em seu campo específico de trabalho. Tal olhar, foi construído socialmente com base na elaboração de “experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas” (ALBERTI, 2010, p. 165). ‘Não me via como professora’ – expressa que o distanciamento proposital entre academia e escola causa a insegurança. Inseguros não desejamos ‘envergonhar’ a comunidade ou a sala de aula, uma vez que somos vistos como pessoas completas.

A maneira de se reconhecer professor é o exercício que permite a viabilização do estreitamento entre academia-escola. Não ser mais acadêmico, mas ser professor aprendente no exercício da docência. As forças são estruturadas e a aprendizagem é a atividade eterna que personifica os professores como profissionais.

Segundo Taino (2008, p. 15-6), “O narrar e o reconhecer a si mesmo” é o ato pelo qual o professor “[...] apropria-se da experiência vivida para decifrá-la e tomar consciência

do que ela suscita”, ou seja, os momentos de formação onde a narrativa produzida é instrumento metodológico, a mesma enriquece a visão que se tem de si, partilhando as próprias vivências/experiências, não isoladamente, mas como constituinte do *ethos* pessoal e profissional. Assim, a narrativa propõe o reconhecimento de si na constituição do “*de nobis ipsis loquemur*”.

A prerrogativa ‘de nós mesmos falamos’ desconstrói o eu ‘não me via como professora’. A narrativa nos dá voz, não porque não a tínhamos antes. Ela reforça a nossa história e as experiências vividas, atualizando o tempo presente.

III- A voz das narrativas: o silêncio dá lugar aos relatos experienciais da docência

Narrar/falar/socializar o próprio percurso formativo e, principalmente, sobre o seu *ethos* no início da carreira docente não parece ser fácil. O resgate da memória recente é realizado visando a sua escrita como narrativa. O interesse pela narrativa é de “clarificar experiências significativas para a sua formação [...] acadêmica e ascensão profissional” (PASSEGGI, 2008, p. 120). A narrativa dos professores iniciantes fortalece-os e essa escrita de si “configura-se numa atividade autoformadora” (MOTA, 2013, p. 50). O início da docência pelos professores iniciantes é marcado como:

“[...] um mundo de possibilidades e em meio a essas possibilidades se apresentam as complexidades do cotidiano escolar. A complexidade faz com que eu ainda me sinta perdida frente a esse mundo de possibilidades” (PI 2).

“[...] o ingresso na prática docente foi para mim como abrir uma porta de possibilidades com tantos aprendizados para testar, aprender, sem saber direito para onde o olhar, ou que exemplo seguir, como construir um caminho meu, mil dúvidas, incertezas, angústias...” (PI 3).

“[...] o início de minha docência foi marcado pela existência de pessoas que foram como a brisa suave que me apoiaram e me apoiam no dia a dia” (PI 4).

“[...] o início de minha docência foi marcado pela existência de pessoas que souberam me conduzir para um amadurecimento profissional” (PI 5).

“[...] o meu primeiro dia de professora me trouxe várias surpresas, então me senti como se não soubesse o que encontrar, tudo era novo...” (PI 6).

A escrita por meio de narrativas revela que

“[...] escrever sobre o processo de formação parece, aos olhos de quem jamais o fez, uma tarefa fácil. Mas fixar na escrita o que se tenta pegar no ar, o que foge e escapa a cada tentativa é um trabalho ao mesmo tempo laborioso, sedutor e consideravelmente formador” (PASSEGGI, 2008, p. 36).

A escrita de si é autoformadora e as narrativas de PI 2 a 6, mencionadas acima, descrevem “suas próprias experiências e práticas” (ZEICHNER, 2010, p. 489), ou seja, as narrativas objetivam que “a aprendizagem docente aprendida dentro e a partir da prática seja de fato educativa e duradoura” (ZEICHNER, 2010, p. 483). O início da docência tem suas marcas, trajetórias, angústias, desafios... E, em meio a esse turbilhão, por meio da escrita o professor vai se perfazendo por conceber que a

“[...] a formação não se constrói somente pela acumulação de conhecimentos e de técnicas desenvolvidas durante o curso, mas num movimento de flexibilidade crítica sobre a prática e de re-construção permanente da identidade pessoal e da profissão, conseqüentemente, [...] os momentos de balanço retrospectivo sobre os percursos pessoais e profissionais são, também, momentos de formação e de investigação” (NÓVOA, 2002, p. 39).

Em outras palavras,

“[...] o professor precisa ser capaz de compreender o contexto social no qual ocorre o processo de ensino/aprendizagem – espaço onde se mesclam diferentes interesses e valores –, bem como de examinar criticamente o processo da educação escolar existente no país” (LEITE, 2011, p. 38-9).

Dessa forma, as narrativas vozeficam o professor iniciante e sua trajetória de vida, uma vez que “la trayectoria designa entonces la forma em que los individuos reconstruyen subjetivamente los acontecimientos de su biografía profesional que juzgen significativos” (DELORY-MOMBERGER, 2009, p. 85).

Em outros momentos, as narrativas em início de carreira são carregadas de experiências negativas, provocadas pelo comodismo, desmotivação, gestão desmotivada, conforme relatos narrados:

“[...] ingressando um mundo novo, cheio de desafios mas com muito entusiasmo para inovar de acordo com o conhecimento adquirido na universidade. De certo modo, vi minha prática pedagógica ser de certo modo dificultada pelas raízes presentes na escola, por meio do comodismo e do pensamento de pessimismo passado pelos professores veteranos e da gestão desmotivada a que encontrei” (PI 7).
“[...] minha entrada na docência representa o grande desafio que terei pela frente. Nenhum aluno é igual ao outro e isso é assustador” (PI 8).
“[...] o início da minha docência foi marcado pela preocupação se eu daria conta da burocracia da escola. Os alunos não me assustaram” (PI 9).

As narrativas apresentadas oportunizaram ao professor iniciante refletir a respeito de sua história sobre o “exercício da profissão e às suas leituras de mundo” e “apontaram para a forma como se deu o enfrentamento diário frente à constituição inicial de sua docência” (Nogueira et al., 2011, p. 39).

O que é narrado por PI 7, 8 e 9 tem seu valor no universo educativo e esse narrar retoma o exercício da profissão e constitui-se como elemento de profissionalização na atividade docente, pois narrar é contar e contar no âmbito educativo é

“[...] a forma simples e autêntica de devolver ao outro aquilo que só é possível existir de modo compartilhado. O ato educativo, por si só, atitude e postura diante da vida, precisa ser narrado, repartido, transformado em estórias de se contar. Aprende quem conta, quem escuta, quem escreve, quem lê. Aprendem todos os que sabem o valor de restituir, ao outro, um saber que não resulta de pertencimentos ou apropriações, mas de envolvimento. A prática educativa passa a ser, assim, um desdobramento da prática da vida em sua cotidianidade, nos afetos que provoca, no entendimento das coisas que nos tocam” (LACERDA, 2009, p. 11).

A voz das narrativas não é apenas uma figura de linguagem, mas a própria linguagem que se atualiza. Se atualiza no tempo da experiência como parte do processo de formação docente.

Considerações:

O artigo pretende algumas reflexões acerca da formação docente, mais especificamente dos professores no início da docência, reconhecendo as narrativas como elemento fundante no desenvolvimento de processos de formação de professores. Os diálogos estabelecidos tornam visíveis as tensões entre a conclusão do curso de graduação e a inserção na carreira docente, já que há uma expectativa de sociedade que o professor ao término de seu curso já esteja formado com habilidades e competências próprias para o exercício do seu trabalho, no entanto o que de fato encontramos são os professores se utilizando de espaços como o do projeto “EU TÔ VOLTANDO PRÁ CASA...” para narrar, falar, socializar o próprio percurso formativo e principalmente sobre as fragilidades formativas que se evidenciam no início da carreira.

Concluimos que toda ação voltada à formação docente deve estar centrada na realidade em que esses professores atuam e que a definição dos conteúdos a serem trabalhados em seus processos formativos também devem partir dos interesses e necessidades apresentados por eles.

As narrativas sobre a formação e desenvolvimento profissional de alunos egressos do curso de pedagogia, iniciantes na docência marcam a tônica dessa pesquisa. A expressão ‘de nobis ipsis loquemur’ – de nós mesmos falamos, revela as experiências e as vivências dos professores iniciantes na prática do exercício docente. Aprende-se a ser professor, sendo-o. Nesse contexto, a prática pedagógica une-se as teorias das

Instituições de Ensino Superior. A prática não é um elemento isolado da teoria e uma sem a outra se esvazia. Cada narrativa tem sua voz. Cada voz se personifica e ao personificar-se ganha um rosto. Esse rosto tem um nome: ‘professor’. As narrativas valorizam a pessoa – enquanto humanidade (com sua ética, valores, crenças, esperanças...) – e o ser professor – como aquele que tem o papel de ensinar e transformar por meio do saber/conhecimento a sociedade.

O convívio com professores iniciantes nos permitiu estabelecer uma metodologia que foi ao encontro do que vivem em seu cotidiano e os diálogos estabelecidos nos encontros para o desenvolvimento das pautas permitiu-nos a aproximação com suas realidades. Desse modo, a partir do estabelecimento de um vínculo mais duradouro, percebemos que eles vão adquirindo maior liberdade para falarem de si, de suas experiências e de suas práticas educativas.

Referências Bibliográficas:

BOLÍVAR, A. **De nobis ipsis silemus: Epistemologia de la investigación biográfico-narrativa em educación.** Revista Electrónica de Investigación Educativa, Vol. 4, n. 1, 2002.

DAY, Christopher. **Desenvolvimento Profissional de Professores.** Os desafios da aprendizagem permanente. 1ª edição. Coleção: Currículo, Políticas e Práticas. Tradução: Maria Assunção Flores. Porto Editora. 2001, Portugal.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografía y educación. Figuras del individuo proyecto.** Buenos Aires: Editorial FFyL; CLACSO, 2009.

LACERDA, Mitsi Pinheiro de. (Org.). **A escrita inscrita na formação do docente.** Rovelte: Rio de Janeiro, 2009.

LEITE, Yoshie Ussami Ferrari. **O Lugar das práticas pedagógicas na formação inicial de professores.** São Paulo: Cultua Acadêmica (UNESP), 2011.

MOTA, Kátia Maria Santos. **A escrita de si nos tempos formativos da pós-graduação: leituras entrecruzadas de memoriais acadêmicos.** In: PSSSEGGI, Maria da Conceição; VICENTINI, Paula Perin; SOUZA, Elizeu C. de (Org.). **Pesquisa (auto)biográfica: narrativas de si e formação.** 1. Ed. – Curitiba/PR: CVR, 2013.

NOGUEIRA, E. G. D. e PRADO, G, do V. T. **Narrativas e imaginários: perspectivas outras na formação de professores.** In: diálogos com o Imaginário. Curitiba/PR: CRV, 2014.

NOGUEIRA, E. G. D.; MELIN, A. P. G.; ALMEIDA, O. A. **Trabalho docente e formação de professores: os professores iniciantes e suas práticas.** Debates em Educação – Maceió, Vol. 3, n. 6, agost./dez. 2011.

NÓVOA, António. **Formação de professores e Trabalho Pedagógico.** Lisboa: EDUCA, 2002.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Memoriais auto-bio-gráficos: a arte profissional de tecer uma figura de si.** In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana M. N. (Org.). **Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente.** Natal/RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Memoriais: injunção institucional e sedução autobiográfica.** In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu C. de (Org.). **(Auto)biografia: formação, territórios e saberes.** Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008 (Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica e Educação).

SILVA, L. B. de O. **O imaginário e os complexos imaginários na obra de Gilberto Durand.** In: diálogos com o Imaginário. Curitiba/PR: CRV, 2014.

SOUZA, Eliseu Clementino de. **(Auto)Biografia, identidades e alteridade: modos de narração, escritas de si e práticas de formação na pós-graduação.** Revista Fórum Identidades, Itabaiana – SE. V. 4, n. 2, jul./dez. 2008.

TAINO, A. M. dos Reis. **Reconhecimento: movimentos e sentidos de uma trajetória de investigação e formação interdisciplinar.** Tese de Doutorado. PUC-SP, 2008. □